

Discurso na cerimônia de assinatura de protocolo entre o Governo do Estado de Sergipe e o Banco do Nordeste para a revitalização da citricultura e geração de emprego e renda

BOQUIM, SE, 11 DE JULHO DE 1997

Senhor Governador do Estado, Albano Franco; Presidente do Congresso Nacional, Senador Antonio Carlos; Senhores Ministros; Senador José Alves; Senhores Prefeitos; Senhor Prefeito de Boquim; Senhores Prefeitos que aqui estão; grande povo de Boquim, de Sergipe,

Em primeiro lugar uma só consideração: como é bonita a democracia! Como é bom nós podermos ver, principalmente, como os inimigos de Sergipe, que não são de Boquim, são tão pouquinhos, minha gente, é tão pouca gente nesse mar de brasileiros e sergipanos contentes com o que está sendo feito neste Brasil. Se não fosse a democracia, poderiam dizer que são muitos. Agora nós podemos contá-los. Eles vêm de fora e não são nada. Deixem que gritem: faz bem. E, se pularem, faz bem para a saúde.

Isso é um Brasil novo, é um Brasil contente, é um Brasil confiante, é um Brasil que tem gente como o Governador Albano Franco, que diz com franqueza o que quer, exige, muitas vezes, em nome do povo. Pois bem, esta manhã, aqui, em Boquim, eu fiquei muito feliz. Primeiro, porque nós fomos ver o que são os agentes de desenvolvimento. São funcionários dedicados. Isso é o povo brasileiro.

Visitei uma pequena usina, uma pequena fábrica, de alguém daqui de Boquim, que, com um pouquinho de recurso do Proger, conseguiu fazer um posto de trabalho, ocupa mais cinco pessoas, essas cinco ocupam mais dez. Esse é o Brasil que nós temos que construir, o Brasil que olha para quem precisa, o Brasil que olha para o pequeno.

Aqui, ao assinar agora desapropriações, nós o estamos fazendo porque nós estamos assentando. Nunca, na história do Brasil, houve um governo que assentasse tanta gente no campo como no nosso programa de reforma agrária. Este ano vão ser 80 mil famílias. Até o ano passado, cem mil; até o fim do meu governo, 280 mil famílias. Isto é mais do que em toda a história do Brasil. E aqui está o Ministro das Minas e Energia, Raimundo Brito. Nós encontramos o Brasil um Brasil que estava começando a despertar com o Real, mas um Brasil que ainda não tinha dado o salto para permitir um crescimento mais sustentado. Nós produzimos no Brasil 50 mil kw de força. Pois bem, nós estamos acrescentando a esses 50 mil, até o próximo ano, ano 2000, mais 20 mil kw, ou seja, 40% de tudo que já se fez no Brasil. Em quatro anos.

Não é o Governo, não sou eu: são vocês, é esse povo, é o povo que voltou a acreditar em si, que tem uma moeda que vale e sabe que não vai ter o seu salário corroído pela inflação no decorrer do mês; e sabe que o Governo da República não é de assustar ninguém, mas é firme. Não vai ceder, não cede a grito, só cede a uma coisa: a argumento. Hoje mesmo cedi a um argumento: mandei desfazer uma medida porque ela podia, sem querer, prejudicar viúvas, pensionistas. Mandei desfazê-la porque havia argumento. O grito não resolve; o argumento ajuda, permite corrigir. Esse é o novo Brasil, é o Brasil no qual a autoridade não se fundamenta noutra coisa senão na vontade de servir ao povo e na compreensão dos problemas populares, na argumentação. Quando se argumenta, se entende. Quando não se argumenta, vira-se palhaço. Não vale a pena. O povo não quer saber de palhaço: quer saber de argumento, quer saber de coisas que avancem, quer saber, efetivamente, das transformações que estão ocorrendo. E, aqui, o nosso Governador fez um pedido por Sergipe. Ele, quando o fez, sabia que eu ia dizer “sim”, que o gás vai servir a Sergipe, porque o Ministro de Minas e

Energia já disse que isso é possível, Não é porque o Presidente manda: é porque Sergipe requer, tem condições, o País pode e por isso o Brasil precisa. E nós avançamos.

É esse o novo Brasil, é o novo Brasil que vai examinar também, porque é necessário, um programa, que já está em marcha, de tapar buracos nas estradas, depois de restaurá-las. Já está em marcha. Por isso eu disse ao Governador que diria “sim”. Não o disse ao Governador porque tem milhares de pessoas aqui, não. Eu disse ao Governador porque é verdade, porque é preciso, porque tem argumento e porque tem recurso. Aí o povo sabe que, quando se diz “sim”, é porque é para fazer; e, quando se diz “não” – e eu digo freqüentemente “não” – é porque é impossível ou porque não é justo. É um novo país. Este país depende – e esta palavra foi usada pelo Prefeito de Boquim hoje – de convergência, de parceria. É que nós estamos construindo um governo de parceria, em que todos têm que estar juntos para se chegar a um objetivo. E o objetivo tem que ser popular, a parceria é de todos, o interesse é nacional.

Peço, sempre, que esqueçam as divergências partidárias quando o interesse do povo, do País, está à frente. Há momentos em que os partidos se organizam: é nas eleições. Aí se organizam para um disputar com outro. E há momentos em que os partidos se juntam e viram todos uma só coisa, povo, cidadania. O povo estimula que os partidos convirjam, e não que divirjam, e não que fiquem brigando por questões menores, mas que se unam em função de objetivos maiores. Este é o nosso grande momento.

Quero, também, dizer aqui a todos que estão me ouvindo que, há pouco, aqui, o presidente do sindicato rural fez um pedido que é justíssimo, que é sobre a questão das crianças no trabalho. Nós vamos à Bahia com o Senador Antônio Carlos, vou encontrar o Governador Paulo Souto e lá nós vamos ao município de Valente dar início ao programa de tirar a criança do trabalho, do sisal. Estamos fazendo a mesma coisa no que diz respeito à cana em Pernambuco, à carvoaria no Mato Grosso e em Minas. E chegará a vez agora, aqui, também – quando haja recurso, porque eu não vou dizer que faço sem poder. Mas

entendo que é necessário, e, no momento oportuno, quando tivermos os recursos, também lá e aqui, vamos tratar de tirar a criança do trabalho e dar-lhe uma bolsa para que ela possa estar na escola.

O programa Criança Cidadã é programa que toca no coração de todos nós. Eu ouvi lá, em Pernambuco, no engenho Massangana, uma criança que trabalhava e foi capaz de chegar ao microfone e fazer um discurso emotivo. Mandeí que se tirasse essa criança do trabalho. Não havia escola. Não adianta tirar do trabalho e não ter escolas. Estamos fazendo as escolas. É assim que se constrói, e se constrói com o tempo e com perseverança. Mas este é um grande país, este é um país que tem gente que é paciente, não diante da injustiça, mas é paciente na boa-fé. Quando percebe que o governante está agindo de boa-fé, o povo espera. Quando percebe que o que está havendo é a manutenção da injustiça, o povo se rebela.

Este povo aqui, este povo de Boquim, este povo de Sergipe, é só olhar, tem olhar confiante, tem a paciência, não daqueles que não têm interesse para que as coisas mudem, mas a paciência dos que têm convicção, dos que têm, mais que a esperança, a certeza de que as coisas estão mudando para melhor. Estão mudando para melhor porque o povo brasileiro é um grande povo e quer o melhor para o Brasil.